

--- No dia vinte e cinco de abril de dois mil e vinte e cinco, pelas dezassete horas, reuniu, no Palácio dos Marqueses da Praia e de Monforte, em Mealhada - Loures, a Assembleia Municipal de Loures para realização da Sessão Solene Comemorativa do 52.º Aniversário do dia 25 de Abril de 1974. -----

--- A Sessão Solene foi presidida pela deputada municipal Susana de Fátima Carvalho Amador, com a presença dos seguintes deputados municipais: -----

PS - Partido Socialista-----

Susana de Fátima Carvalho Amador -----

Daniel Vitorino Bernardo Lima -----

João Pedro Silva Mendes dos Santos Ferreira -----

Pedro Manuel Fialho da Costa Lindo -----

Carla Sofia do Carmo Pires -----

João António Leal Cruz Franco -----

Eunice Filipa Alexandra Camilo Ramos Proença -----

Inês Falcão da Costa Morgado -----

João Filipe de Jesus Pinto-----

Maria Isabel Lopes Afonso Pereira Leitão -----

João Paulo Afonso Barandas -----

José Júlio Ferreira Falcão Ribeiro -----

Maria Carlos de Almeida Gomes Correia dos Santos -----

José Luís dos Reis Vieira -----

Hélio António Magalhães Gonçalves dos Santos (Presidente da Junta de Freguesia de Bucelas) -----

Eugénio Alexandre Ratinho de Oliveira (Presidente da Junta de Freguesia de Loures) -----

Horácio Rodrigo Cabral Narciso (em substituição do Presidente da Junta de Freguesia da União das Freguesias de Camarate, Unhos e Apelação)-----

Ricardo Jorge Monteiro Lima (Presidente Junta de Freguesia da União das Freguesias de Moscavide e Portela)-----

Mário António Pereira Bernardo (em substituição do Presidente Junta de Freguesia da União das Freguesias de Sacavém e Prior Velho) -----

Samuel David dos Santos Saldanha (Presidente da Junta de Freguesia da União das Freguesias de Santa Iria de Azóia, São João da Talha e Bobadela) -----

Jorge Daniel Sousa Moreira da Silva (Presidente da Junta de Freguesia da União das Freguesias de Santo António dos Cavaleiros e Frielas) -----

CH - Chega -----

Luís Filipe Pereira Direitinho -----

Ana Margarida Dias Raimundo Guerreiro -----

Aquilino José Marques Ventura -----

Inês Carvalho dos Santos -----

Duarte Miguel Monge Correia -----

Luís António Gomes Rainho -----

Sandra Maria Cardoso Mota Pastor -----

Marco José Dias Raimundo -----

PPD/Partido Social Democrata -----

Jorge Manuel Lopes Antunes -----

Rui Miguel Paiva Lopes Pinhel -----

Sara Raquel Bordalo Gonçalves -----

Bernardo Matias Barbosa -----

Pedro Henrique Godinho Barreira Castanheira Lopes -----

Lino Manuel Gomes Franco (Presidente da Junta de Freguesia de Lousa) -----

CDU – Coligação Democrática Unitária -----

Maria de Fátima Amaral -----

Bruno Alexandre Caçador Simão -----

Acardyo Kedy Santos Nazaré da Trindade -----

Ana Maria da Conceição Duarte da Mata -----

Jorge Manuel Duarte Simões (Presidente da Junta de Freguesia de Fanhões) -----

José Júlio dos Santos Pinto (Presidente da Junta de Freguesia da União das Freguesias de Santo Antão e São Julião do Tojal) -----

BE - Bloco de Esquerda -----

Sara Patrícia de Barros Leitão da Graça -----

IL – Iniciativa Liberal -----

Luís Armando Medeiros Martins -----

--- O ato da Sessão Solene teve início no exterior do edifício, com a atuação da Banda de Música da Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários de Loures. A atuação da banda terminou com a interpretação de *A Portuguesa* (Hino Nacional) no hastear das bandeiras, pela senhora Presidente da Assembleia Municipal, o senhor Presidente da Câmara Municipal e pelo senhor Presidente da Junta de Freguesia de Loures. -----

--- Terminada a atuação da banda e o hastear das bandeiras, procedeu-se à receção dos convidados no interior do edifício, com um momento musical do saxofonista André Moisés e entrega de cravos. -----

--- Concluída a chamada, com a presença de quarenta e três (43) deputados municipais e verificada a existência de quórum, declarou-se aberta a sessão solene. -----

Tomaram posse os seguintes deputados municipais:-----

- Maria Carlos de Almeida Gomes Correia dos Santos, em substituição de Miguel Nuno Pedro Cardoso Matias do PS; -----

- José Luís dos Reis Vieira, em substituição de Isabel Cristina Carapeta Gomes;-----

- Horácio Rodrigo Cabral Narciso, em substituição do Presidente da Assembleia Municipal da União das Freguesias de Camarate, Unhos e Apelação.-----

--- A Presidente da Assembleia Municipal, deu as boas vindas e agradeceu a presença de todas e todos, dando a palavra ao Presidente da Assembleia Municipal Jovem de Loures (AMJL), Gonçalo Cruz, para uma primeira intervenção na sessão solene. -----

- Gonçalo Cruz (Presidente da Assembleia Municipal Jovem de Loures - AMJL):-----

Exma. Senhora Presidente da Assembleia Municipal de Loures, Susana Amador, e restantes membros da Mesa,-----

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal de Loures, Ricardo Leão, e restantes Vereadores, -----

Senhores Deputados Municipais, -----

Caros funcionários desta casa, e munícipes que hoje aqui se encontram presentes,-----

Hoje, não discurso apenas como Gonçalo, mas como alguém que, ao exercer o cargo de presidente da Mesa da Assembleia Municipal Jovem (2024/2025), sentiu o peso e a beleza da palavra "Liberdade". -----

Para valorizarmos o hoje, é necessário recordarmos o passado. O 25 de Abril encontrou um país grandioso semente na propaganda. Sob uma máscara de austeridade e

religiosidade, escondia-se um regime que, desde a Constituição de 1933, negou aos nossos avós o direito à voz. Um país que, no fecho da II Guerra Mundial, por mais que tenha adotado algumas medidas de abertura meramente aparentes, elas revelaram-se insuficientes e inertes. Após 1961, com o eclodir da guerra colonial, o país fechou-se sob o lema do “orgulhosamente sós”, deste modo para sobreviver ao contexto internacional, enquanto que toda uma juventude era condenada a uma guerra colonial sem fim e o povo mantinha-se sob o controlo total da censura e da polícia política. -----

O 25 de Abril possibilitou o regresso de Portugal à sua dignidade e por isso mesmo é a data mais importante na História Contemporânea Portuguesa. -----

Lutar por uma melhor sociedade sempre foi a minha paixão, motivada por experiências pessoais que fizeram com que o meu sentido de justiça se tornasse o que é hoje. Na AMJ, vivi momentos intensos, por vezes desafiadores e duros, mas saí de lá com uma certeza que gostaria de partilhar com todos vós: o respeito só sobrevive na democracia e só sobrevive ao conflito neste tipo de regime político. -----

Hoje, porém, Abril está incompleto. Abril não é somente uma data, é um contrato social que estamos a falhar quando um jovem não consegue comprar ou arrendar uma casa, quando um utente está há anos à espera de uma cirurgia, quando a justiça é lenta ou quando a mobilidade social parece um privilégio acessível a muito poucos. A dignidade humana não pode ter intervalos. Ela começa no auxílio às famílias para conseguirem criar a vida, intensifica-se na proteção absoluta nas crianças e jovens, que merecem crescer sem medo e sonhar alto, longe de ambientes violentos em qualquer contexto e termina no respeito supremo aos idosos, que tanto deram ao nosso País não merecem ser deixados para trás. -----

Apelo a todos vós que este 25 de Abril de 2026 não seja apenas um protocolo, mas que todas as decisões tomadas nesta casa, reflitam o sacrifício dos que nos antecederam. Afinal, a democracia só é plena quando tem impacto direto e impacto positivo na vida das populações. -----

Que a esperança não seja uma utopia, mas o nosso compromisso diário. Pela dignidade, pela justiça e por um Portugal mais democrático. -----

Viva a Liberdade! -----

Viva o 25 de Abril! -----

E ditadura nunca mais! -----

--- Após a intervenção de Gonçalo Cruz, a Presidente da Assembleia Municipal convidou-o a juntar-se aos restantes membros da Mesa. A anteceder as intervenções produzidas pelos representantes de cada grupo municipal, deu-se início a um momento cultural com canções de abril, protagonizado por Ruben Portinha e músicos. -----

--- Após o momento cultural e prosseguindo com a sessão solene, deu-se início às intervenções dos grupos políticos com assento na Assembleia Municipal: -----

- **Luís Armando Medeiros Martins (IL):** -----

Cumprimento a Sr.ª Presidente e na sua pessoa toda a Mesa da Assembleia, -----

Cumprimento o Sr. Presidente da Câmara e na sua pessoa toda a vereação, -----

Todos os Eleitos, distintos convidados, trabalhadores, o público presente e quem nos vê à distância. -----

A propósito do dia que hoje se assinala, vou começar por responder à famosa pergunta "Onde estava no 25 de abril?" -----

Nessa altura tinha 18 anos e já desenvolvia alguma atividade política. -----

Não existindo a presença dos meios de comunicação atuais, fui para o liceu ignorando o que se passava. Para mim, era apenas mais um dia e comecei a primeira aula em ambiente de normalidade... No entanto, já não a concluímos. -----

Fechada a escola, saímos à procura de novidades. Vimos que o trânsito era pouco, havia menos gente do que o habitual a circular nas ruas, e fomos até a um café próximo onde nos disseram que a recomendação era ir para casa e que eles iriam fechar a loja. -----

Ali pelo Rato, Campo de Ourique, Estrela não se observava nada de anormal. -----

Chegado a casa a televisão não dava informações e a rádio transmitia comunicados oficiais que não eram muito esclarecedores. -----

*Procurava informação escrita e finalmente apareceram os primeiros jornais começando a explicar melhor o que se passava. A capa do jornal República, que nesse dia publicou três edições, em lugar do habitual rodapé na primeira página dizendo que tinha sido censurado, apresentava uma mensagem de liberdade e aí, confesso-vos, tive uma das grandes emoções da minha vida: **Este jornal não foi visado por qualquer comissão de censura.** -----*

A manchete era: As Forças Armadas tomaram o poder e vinha acompanhada de uma fotografia dos generais Costa Gomes e António de Spínola. -----

Recordo um curioso pormenor da repressão da época: quando se comprava um jornal de pequeno formato era-nos entregue dobrado, mas se fosse o República seria sempre com a primeira página virada para dentro para não ser notado. -----

Para quem não sabe ou não se lembra, este era o verdadeiro jornal da oposição, que fundado em 1911 sobreviveu à primeira República, sobreviveu ao Estado Novo, mas não resistiu ao PREC e fechou no final de 1975. -----

Estes anos de 74 e 75 foram tempos de euforia, não isenta de riscos. Na verdade, até ao inverno de 75 transportava habitualmente comigo uma barra de ferro... -----

Saltando para hoje, para o século XXI e o ano de 2026, recordo que não nos podemos distrair... A liberdade está sempre debaixo de fogo! -----

Na minha primeira presença nesta Assembleia fui surpreendido por uma intervenção de um eleito contra a liberdade de expressão do público e dei por mim a concordar com as intervenções das eleitas da CDU e do BE. -----

Entretanto consegui recuperar da minha surpresa e espero que esse mesmo eleito ao fazer o seu discurso hoje, o faça em honra da liberdade. -----

Uma palavra para as mulheres que são as grandes conquistadoras de abril! -----

Adeus ao analfabetismo e adeus ao frequentar apenas o ensino primário! Na faixa etária entre os 25 e os 64 anos, 34% das mulheres concluíram uma licenciatura enquanto apenas 25% dos homens o fizeram. Esta superioridade pode ser uma das dificuldades para alcançar uma maior igualdade.... Muitos homens resistem porque já se sentem ultrapassados! -----

Em todo o caso, o 25 de abril foi um passo importantíssimo para a igualdade entre homens e mulheres. -----

Igualmente importante, e por isso não posso deixar de agradecer a esta Câmara o ter honrado e comemorado pela primeira vez o 25 de novembro esperando que se possa continuar uma trajetória de progresso, crescendo e desburocratização. -----

Para vos dar um exemplo, concretizo: -----

A minha filha mudou recentemente de casa, pediu a ligação da água aos SIMAR através do site e esperou... Ao fim de uma semana sem qualquer resposta, telefonou a saber o porquê da demora... Resposta: “Se pediu online isso vai demorar uma ou duas semanas, é melhor vir cá aos serviços que fazemos na hora”. Resultado? Meio-dia de trabalho perdido.... Passou-se nos SIMAR em Loures! -----

Precisamos de melhorar na saúde para termos melhor qualidade de vida. Melhor saúde obtém-se com mais medicina preventiva, aumentando a literacia da saúde e também prolongando o horário dos centros de saúde para poder ir ao médico depois do trabalho com menor perda de produtividade e reduzindo o absentismo. Há dias um vereador desta câmara falava num sector com uma taxa de absentismo de 8%, na empresa pública, onde trabalhei era de apenas 3%. -----

Espero também que para cumprir abril se possa potenciar o crescimento económico, gerando mais riqueza para que possa ser distribuída por todos, evitando, e cito o Marechal Spínola no seu livro “Portugal e o futuro” também citado no jornal República no dia 25 de abril: “O Povo, realista, na sua inteligência por vezes ingénua, esse emigra” -----

Mais de 50 anos depois os portugueses, os mais corajosos, os melhores, continuam a emigrar... -----

A minha neta de 16 anos combina com as colegas do 10º ano, estudar, tirar um curso e emigrar! Não podemos continuar assim! Todos temos de fazer melhor! -----

E termino dizendo: -----

Viva o 25 de abril! -----

Viva o 25 de novembro! -----

Viva Loures! -----

Viva Portugal! -----

- Sara Patrícia de Barros Leitão da Graça (BE): -----

Senhora Presidente da Assembleia Municipal, -----

Senhor Presidente da Câmara Municipal, -----

Senhoras e Senhores Vereadores, -----

Senhoras e Senhores deputados, -----

Senhores Presidentes das Juntas de Freguesia, -----

Funcionárias e funcionários da Câmara, -----

Minhas Senhoras, Meus Senhores, -----

Assinalar o 25 de Abril, é todos os anos um exercício de memória, mas deve ser sobretudo um compromisso com o presente e com o futuro. -----

Hoje, ao celebrar o 25 de Abril, falo não apenas como cidadã, mas como alguém cuja história começou longe daqui, e quase ao mesmo tempo que a liberdade renascia em Portugal. -----

Tinha apenas dois anos quando cheguei de Cabo Verde com os meus pais, refugiados políticos. Não trago memórias desse tempo, mas carrego as histórias, os silêncios e as marcas que neles ficaram, e que, de certa forma, também vivem em mim. -----

Sei que vieram em busca de algo simples e imenso: liberdade, dignidade, futuro. -----

O 25 de Abril não é para mim apenas uma data histórica, é um marco profundamente pessoal. -----

É o ponto de viragem, que tornou possível que famílias como a minha encontrassem aqui um novo começo. -----

É o dia que abriu portas a quem fugia da repressão, da censura e do medo, permitindo, e por analogia, algo sucedeu dias depois na minha terra de origem, a libertação dos presos políticos do Tarrafal. -----

É o dia em que um país decidiu que ninguém devia ficar calado. -----

Cresci já em liberdade, num país que escolheu a democracia, mas nunca esqueço que essa liberdade não caiu do céu, foi conquistada com coragem, com risco, com esperança. -

E também nunca esqueço que há quem tenha atravessado oceanos e deixado tudo para trás para poder vivê-la. -----

Hoje, honrar o 25 de abril é também honrar essas histórias invisíveis. -----

É lembrar que a liberdade só faz sentido quando é para todos, para quem cá nasceu e para quem chegou. -----

É garantir que continuamos a construir um país onde ninguém é perseguido pelas suas ideias, onde a diferença não é ameaça, mas riqueza. -----

Eu não me lembro da revolução. Mas vivo todos os dias as suas consequências. E por isso, também me cabe a responsabilidade de a proteger. -----

Proteger sempre! Porque o que abril nos deu: dignidade, igualdade, liberdade, não são apenas palavras para repetir todos os anos. São compromissos para cumprir todos os dias. E hoje, quando olhamos para o país e para o mundo, percebemos que esses compromissos estão a ser postos à prova. -----

Está à prova quando há quem trabalhe todos os dias e, ainda assim, não consiga pagar a renda, ou tenha de escolher entre pagar a fatura do supermercado ou da farmácia. Quando a crise do custo de vida não é uma abstração, mas uma escolha política que recai sempre sobre os mesmos: sobre quem já tem menos, sobre quem já vive no limite. -----

Está à prova quando nos dizem que o caos, a instabilidade ou o medo são inevitáveis, como se não fossem consequência de decisões concretas, de interesses protegidos, de prioridades erradas. -----

Está à prova quando vemos direitos a serem atacados, quando há quem queira voltar atrás no tempo e decidir quem pode existir com dignidade. E está à prova também quando olhamos para o mundo e percebemos que, mais uma vez, são as pessoas comuns a pagar o preço de conflitos, de guerras e de jogos de poder que não se controlam. -----

Abril foi feito para garantir que ninguém fica para trás. Para garantir que a liberdade não é privilégio de alguns. Para garantir que a democracia não se ajoelha perante o medo nem perante o ódio. -----

O 25 de abril trouxe direitos fundamentais: o direito à palavra, à associação, à educação, à igualdade. Mas ensinou-nos também que a democracia não é um dado adquirido. É um processo contínuo, exigente, e uma construção coletiva. -----

Constrói-se quando defendemos o direito à habitação. -----

Quando garantimos salários dignos. -----

Quando protegemos o Serviço Nacional de Saúde. -----

Quando recusamos o discurso do ódio, venha ele disfarçado de preocupação ou de falsa moderação. -----

Quando dizemos, com clareza, que nenhuma pessoa deve viver com medo por aquilo que é.

E constrói-se também aqui, nos nossos territórios, nas nossas decisões locais, na forma como escolhemos governar e cuidar das pessoas. -----

Que nunca nos falte a memória. -----

Que nunca nos falte a coragem. -----

E que nunca nos falte a liberdade. -----

Viva o 25 de Abril! -----

- Bruno Alexandre Caçador Simão (CDU): -----

Senhora Presidente da Assembleia Municipal, -----

Senhor Presidente da Câmara, -----

Senhores Vereadores, -----

Caros representantes, -----

Senhores convidados e todos os que assistem à nossa sessão, -----

Evocamos hoje o 25 de Abril não como um gesto meramente ritual, mas como a afirmação viva de um processo histórico que transformou profundamente o país e a vida do povo português. -----

O 25 de Abril não foi uma concessão graciosa do poder instituído — foi uma conquista. Uma conquista dos trabalhadores, do povo, dos milhares de resistentes antifascistas e dos militares de Abril, que, com coragem e determinação, puseram fim a décadas de ditadura, repressão e atraso estrutural. -----

Foi essa ação coletiva que abriu caminho à construção de uma sociedade justa, livre e solidária. Um caminho que encontrou expressão maior na Constituição da República Portuguesa, que este ano assinala cinquenta anos de vigência — o maior período contínuo de democracia num país com quase 900 anos de história. É este o maior legado da Revolução de Abril. Um marco que não pode ser dissociado das conquistas da revolução nem do projeto de transformação social que lhe deu origem. -----

A Constituição consagra direitos fundamentais, afirma o primado do trabalho, estabelece o acesso universal à saúde, à educação e à habitação, e projeta uma democracia não apenas formal, ou liberal, mas sim consubstanciada em direitos económicos, sociais e culturais, tipificados na própria Constituição. -----

Contudo, importa reconhecer que este património tem sido, ao longo dos anos, alvo de sucessivas tentativas de esvaziamento. Persistem forças que nunca aceitaram plenamente o seu conteúdo progressista e que procuram, de forma mais ou menos explícita, limitar o seu alcance e neutralizar o seu papel enquanto instrumento de emancipação coletiva. -----

Senhoras e Senhores, -----

A realidade atual evidencia um afastamento preocupante dos valores de Abril e dos princípios constitucionais. Temos assistido ao aprofundamento de opções políticas que favorecem interesses económicos concentrados, em detrimento dos direitos dos trabalhadores e das necessidades das populações. -----

No mundo do trabalho, as desigualdades persistem e, em muitos casos, agravam-se. A precariedade laboral não é um fenómeno marginal ou accidental; é, antes, uma expressão de um modelo que procura fragilizar vínculos, reduzir direitos e aumentar a dependência dos trabalhadores. -----

A proliferação de contratos precários, a instabilidade profissional e a dificuldade em projetar o futuro são hoje realidades com que muitos trabalhadores, em particular os mais jovens, se confrontam diariamente. -----

A par disso, os baixos salários continuam a marcar o panorama laboral nacional. Apesar do aumento do custo de vida, muitos trabalhadores não veem o seu esforço devidamente reconhecido nem traduzido em melhores condições de vida. A desregulação dos horários de trabalho e a fragilização da contratação coletiva contribuem igualmente para um desequilíbrio crescente nas relações laborais. -----

O pacote laboral que o Governo e o patronato pretendem impor é mais um troço desse caminho que urge inverter. -----

Importa afirmar com clareza: estas situações não são inevitáveis. Resultam de escolhas políticas concretas. -----

Por isso, torna-se imperativo inverter este caminho. É necessário promover um aumento geral dos salários e das pensões, combater de forma efetiva a precariedade, garantir vínculos estáveis e dignos, e reforçar a contratação coletiva como instrumento essencial de equilíbrio e justiça no mundo do trabalho. -----

A crise da habitação constitui outro dos desafios mais prementes que o país enfrenta. Aquilo que a Constituição consagra como um direito fundamental tem vindo, progressivamente, a ser subordinado a lógicas de mercado e de especulação, com os resultados que todos conhecemos. -----

Não há área da nossa atividade mais desregulada do que a habitação. -----

O aumento acentuado das rendas, a dificuldade no acesso à compra de habitação e a pressão imobiliária nos centros urbanos têm conduzido à expulsão das populações, à fragmentação do tecido social e ao agravamento das desigualdades. -----

A habitação não pode ser tratada como um mero ativo financeiro ou um produto. Deve ser encarada, antes de mais, como aquilo que é definido na Constituição, um direito humano básico e um pilar da dignidade das famílias. -----

Neste contexto, impõe-se uma mudança de orientação: travar a especulação imobiliária, regular o mercado de arrendamento, reforçar de forma significativa o parque público de

habitação para dar resposta transversal a todas as camadas e setores da população e assegurar que este setor cumpre a sua função social, tal como a Constituição o define. ---- Também no domínio da saúde se colocam desafios de grande relevância. O Serviço Nacional de Saúde, uma das mais importantes conquistas da Revolução, enfrenta dificuldades que não podemos ignorar. -----

O subfinanciamento crónico, a escassez de profissionais e a degradação das condições de trabalho têm fragilizado a sua capacidade de resposta às populações. Ao mesmo tempo, assiste-se a uma crescente transferência de recursos para o setor privado, muitas vezes justificada com as próprias fragilidades do sistema público. -----

Esta dinâmica levanta uma questão essencial: que modelo de saúde queremos? -----

Defender o Serviço Nacional de Saúde, mais do que reconhecer a sua importância histórica, exige um compromisso efetivo com o seu reforço, através de investimento adequado, valorização dos profissionais e da sua garantia pública, universal e gratuita. ---

O momento que vivemos é, pois, de escolha. Uma escolha entre a continuação de políticas que aprofundam desigualdades e subordinam o interesse público a interesses particulares, e a afirmação de um caminho que recupere o espírito original de Abril e coloque no centro a dignidade do trabalho, a justiça social e o bem-estar coletivo. -----

Cumprir Abril não é evocar a sua memória. É dar-lhe continuidade e conteúdo. É concretizar, no presente, os direitos e os valores que então se conquistaram. -----

É com esse sentido de responsabilidade que reafirmamos o nosso compromisso com a Constituição da República Portuguesa, com os trabalhadores e com o povo português. ----

Um compromisso que exige coerência, determinação e ação. -----

Se os direitos basilares conquistados pela Revolução e pelo processo democrático não têm hoje existência efetiva na vida de cada um de nós, na vida das nossas famílias, dos nossos colegas de trabalho, se todos eles se vão reduzindo a um mero jogo de sorte e azar, viremos o tabuleiro desse jogo! Tenhamos a ousadia de o fazer e usemos a liberdade como o nosso maior trunfo dessa mudança. -----

Porque a democracia constrói-se todos os dias — nas instituições, no trabalho, e só é valorizada se cada um a sentir na sua vida, se cada doente a sentir quando precisa de um médico, se cada jovem a sentir quando precisa de uma habitação, se cada desempregado a sentir quando precisa de apoio no desemprego e um rumo profissional na sua vida. -----

E porque os ideais de Abril permanecem não apenas como referência histórica, mas como exigência do presente e do futuro, que dizemos hoje e como sempre: -----

Viva o 25 de Abril! Sempre! -----

- Pedro Henrique Godinho Barreira Castanheira Lopes (PPD/PSD): -----

Permitam-me cumprimentar a Senhora Presidente da Assembleia Municipal com um abraço especial, desejando um feliz aniversário e na sua pessoa, todos os eleitos da Assembleia Municipal, -----

*Cumprimento o senhor Presidente da Câmara e na sua pessoa toda a vereação, -----
Ilustres convidados, -----*

As pessoas que nos acompanham presencialmente e online. -----

25 de Abril foi um grito. -----

Um grito de revolta de um povo cansado, desgastado e farto de um regime que apelava ao patriotismo, e que na verdade apenas trouxe miséria e tristeza. -----

Ao longo de 48 anos, Portugal no seu todo estivera sempre, mas sempre, em constante repressão, sacrifício e dor. Não eram admitidas oposições, fosse em que fórum fosse, ou iriam enfrentar a mão pesada da ditadura. Dirão alguns que os cofres do Estado estavam cheios, e mesmo que a economia crescia a um ritmo nunca replicado na nossa história. Mas a que custo? As vidas que se perderam, a miséria que vivemos, o abandono de um país inteiro. Filho de pai transmuntano e mãe angolana, de cedo percebi que não bastava ser como uma vara das do fascismo, teria que naturalmente habitar entre Lisboa e Cascais, pois o resto estaria tudo entregue ao abandono e à repressão. Que a história não apague este capítulo, e que mantenha bem viva a memória do que a extrema direita trouxe ao nosso país. -----

25 de Abril foi um grito. -----

Um grito de um povo que estaria unido, pela liberdade. Não por outra ditadura. -----

Após a queda do antigo regime, haveria sido tentada a instalação de um regime diametralmente oposto, mas absolutamente coincidente na privação de direitos, liberdades e garantias. A invasão do comunismo com apoio declarado da União Soviética aquando a implantação do Plano Revolucionário em Curso (PRC) rapidamente estaria a expropriar quem já pouco tinha, fomentava a guerra não com um Governo, mas uns com os outros, implantando o pânico social. Não só cá, mas também no estrangeiro, havia o medo real de que Portugal se transformasse, e citando Kissinger “A Cuba da Europa”. Esta tentativa de sovietação de Portugal felizmente sucumbiu, em novembro de 75. -----

25 de Abril foi um grito. -----

Um grito de um povo que estaria unido pela liberdade. -----

Os civis saem à rua, e os militares com cravos nas espingardas, são finalmente livres. O povo quer finalmente aquilo a que tem direito, a democracia. Ser livre, e sem amarras. Discordar e não ser punido por isso. Pensar no seu bem-estar, construindo uma sociedade justa e equitativa. Pôr-se no centro da causa política. -----

Este é o verdadeiro compromisso com Abril, que nós todos, figuras políticas, devemos ter sempre como prioridade: o povo. Somos eleitos para uma única função: servir. Servir

*todos de igual forma, estejam mais longe ou mais perto do nosso pensamento e filosofia. Se cá estivermos sem o propósito de servir, mas de nos servirmos desta mesma democracia, então não seremos melhores do que os regimes acima mencionados. -----
É certo que a democracia tem falhas. Churchill dizia “A democracia é o pior dos regimes políticos, à exceção de todos os outros que foram experimentados ao longo da história”, mas ao menos é o único regime que dá a oportunidade ao povo de escolher quem o serve. -----*

*25 de Abril foi um grito. -----
Um grito de chamada da razão a si. Como cantava Vinícius de Moraes “o povo e a vida sabem o que fazem” na música “a vida tem sempre razão”, o povo é sóbrio na hora de escolher. -----*

52 anos após o 25 de Abril, vivemos um clima absolutamente extremado, onde a crítica e acusação vorazes elevam o tom, distanciam pessoas, dão aso à intolerância, chegando à agressão e violência gratuitas. No meio de tanto barulho que se ouve dos extremos à esquerda e à direita, o que fica não é mais do que isso: barulho! -----

Nestes 52 anos, vimo-nos também entregues a um socialismo que nos trouxe 3 bancarotas, um atraso no desenvolvimento, deixando-nos na cauda da Europa em tudo, com exceção nos impostos e carga fiscal. Aí, fomos campeões. -----

Felizmente e finalmente, isso acabou. Os impostos baixam, a qualidade de vida aumenta, o desemprego está em mínimos históricos, os nossos jovens finalmente equacionam ficar em Portugal, e os que estão lá fora veem o sonho do regresso mais real. Não está tudo feito, mas há esperança no futuro com base no presente, e nas políticas adotadas. A social democracia veio, sem dúvida, pôr verdadeiramente em prática o 25 de Abril. -----

25 de Abril deveria e deverão ser todos os dias da nossa democracia. Para nos lembrarmos de onde viemos, e para onde vamos. Para nos lembrarmos da nossa resiliência, personalidade e capacidade. Porque o futuro que nos espera é brilhante, e já no presente está a ser desenhado. Porque somos “Nobre Povo, Nação Valente e Imortal”, um país com uma história tão rica, e que nos mostra que somos capazes de tudo. -----

O 25 de Abril mostra-nos que se nos unirmos, somos imparáveis. E que venham ventos de extrema esquerda ou extrema direita, populismos e popularuchos, mantemo-nos firmes, sabendo o dia que amanhã nos espera. -----

*Viva o 25 de Abril! Sempre! -----
Fascismo e Comunismo, nunca mais! -----*

- Inês Carvalho dos Santos (CH): -----

Senhora Presidente, -----

Senhor Presidente da Câmara, -----
Senhores Vereadores, -----
Senhores Deputados Municipais, -----
Senhoras e Senhores, -----
Assinalamos hoje o 25 de Abril. -----
E digo assinalamos porque há uma diferença entre respeitar a História de Portugal e
aceitar, de cabeça baixa, a narrativa ideológica que durante décadas a esquerda tentou
impor ao País, como se esta data lhes pertencesse, como se a liberdade tivesse donos e
como se a democracia portuguesa fosse um exclusivo seu. -----
Não é. -----
O 25 de Abril não pertence ao Partido Comunista. -----
Não pertence à esquerda. Não pertence aos órfãos do PREC. -----
E não pertence àqueles que todos os anos transformam uma data histórica numa liturgia
política, onde se agitam cravos, se cantam canções e se distribuem certificados de pureza
democrática a quem pensa exatamente como eles. -----
O 25 de Abril pertence a Portugal. Pertence aos portugueses. -----
E por isso tem de poder ser dito por inteiro. -----
Sem censura. Sem folclore. Sem romantização infantil. -----
Sem aquela pose moral de quem fala de liberdade, mas só aceita a liberdade quando ela
não lhes contraria a cartilha. -----
Porque o problema destas cerimónias é sempre o mesmo: fala-se muito do símbolo, da
emoção e da estética, mas foge-se sempre da parte da História que incomoda. -----
Fala-se dos cravos. E os cravos são um símbolo bonito, sem dúvida. Mas o símbolo não
pode servir para apagar a verdade. E há até uma ironia amarga nisso tudo. Porque
Celeste Caeiro, a mulher que ficou na memória coletiva como a senhora dos cravos,
acabou por morrer numa maca, à espera no Serviço Nacional de Saúde. E isso diz muito
sobre a distância entre o país da cerimónia e o país real. -----
Há um país dos discursos. E há um país da realidade. Há o país dos cravos na lapela. -----
E há o país das urgências entupidas, das famílias aflitas, dos jovens sem futuro, dos
salários curtos, da insegurança e da sensação de que os portugueses comuns são sempre
os últimos a beneficiar da liberdade de que tantos falam. -----
E, por isso, convém dizer com frontalidade: o 25 de Abril foi uma data importante da
nossa História, mas não foi a versão cor-de-rosa que a esquerda quis vender durante
cinquenta anos. -----
Depois de Abril veio o MFA. Depois de Abril veio o PREC. -----
E o PREC não foi um pormenor da transição democrática. O PREC foi radicalização, foi
ocupação, foi nacionalização forçada, foi ataque à propriedade privada, foi perseguição

política, foi pressão ideológica e foi a tentativa de empurrar Portugal para uma experiência revolucionária sem pluralismo e sem verdadeira liberdade. -----

O COPCON não foi um adereço histórico. Foi um instrumento de poder num período em que demasiada gente achou que a revolução justificava tudo. E as FP-25 foram a expressão final e brutal dessa cultura política: quando não conseguiram impor pela via revolucionária, tentaram impor pela violência e pelo terror. -----

E no meio disso houve portugueses que perderam tudo. Houve os espoliados. Houve patrimónios ocupados ou confiscados. Houve empresas tomadas. Houve terras invadidas. Houve gente humilhada apenas porque tinha, porque produzia, porque pensava de outra maneira ou porque não se ajoelhava perante a euforia revolucionária. -----

Esses portugueses também contam. -----

Essa injustiça também conta. -----

Porque é muito fácil fazer poesia com a revolução quando nunca se pagou o preço dela. ---

E é precisamente por isso que o 25 de Novembro é tão importante. -----

Porque foi o 25 de Novembro que travou a deriva revolucionária, travou o PREC e salvou a democracia portuguesa. Foi aí que Portugal disse que não seria governado por comités, por vanguardas iluminadas nem por delírios revolucionários permanentes. -----

Essa é a verdade que muitos tentam empurrar para o rodapé da História. Mas não é rodapé nenhum. É o momento em que a democracia portuguesa se salva da captura revolucionária. -----

E se ainda hoje há quem tenha dificuldade em reconhecê-lo, é porque Novembro destrói a mentira construída durante décadas. Obriga a admitir que Abril não resolveu tudo e que a liberdade teve de ser defendida contra a arrogância revolucionária de quem achou que podia moldar Portugal à sua imagem. -----

Também por isso é legítimo olhar para a Constituição sem a tratar como texto sagrado. A Constituição nasceu num contexto revolucionário, carregada de marcas ideológicas desse tempo. Isso não é insulto. É História. E uma democracia adulta não tem de ter medo de discutir as suas instituições e os bloqueios que tantas vezes travam a vontade de mudança dos portugueses. -----

Mas o essencial nem sequer está aí. -----

O essencial está numa pergunta simples e devastadora: foi para isto que prometeram a revolução? -----

Prometeram liberdade. -----

Hoje temos jovens que trabalham e não conseguem sair de casa dos pais. -----

Prometeram dignidade. -----

Hoje temos famílias esmagadas pela carga fiscal, pela habitação e pelo custo de vida. ----

Prometeram progresso. -----

Hoje temos serviços públicos degradados, lentidão, burocracia e um Estado que falha a quem cumpre. -----

Prometeram igualdade. -----

Hoje temos um País onde o mérito tantas vezes não compensa e onde o esforço de quem trabalha raramente é tratado com o respeito devido. -----

Prometeram um Estado social robusto. -----

E até a senhora dos cravos acabou numa maca, à espera no SNS. -----

Prometeram liberdade. -----

Mas quantos portugueses sentem hoje que podem dizer o que pensam sem serem imediatamente rotulados, silenciados ou tratados como suspeitos por uma elite moral que continua a achar que só ela tem direito à palavra? -----

Nós não estamos aqui para dizer que antes estava tudo bem e depois ficou tudo mal. Isso seria tão desonesto como aquilo que a esquerda faz há cinquenta anos. Estamos aqui para dizer outra coisa, muito mais séria: nem tudo era mau antes, nem tudo ficou bem depois, e Portugal merece mais do que slogans gastos e cerimónias vazias. -----

Merece verdade. Merece memória inteira. Merece respeito pelos espoliados. Merece frontalidade para condenar o PREC sem hesitações. Merece reconhecer que Novembro foi essencial. E merece, acima de tudo, uma liberdade que se sinta na vida concreta das pessoas. -----

Porque a liberdade a sério não é um cravo na lapela uma vez por ano. -----

A liberdade a sério é trabalhar e ver esse trabalho compensado. -----

É poder constituir família sem viver esmagado pela incerteza. É andar na rua em segurança. -----

É poder educar os filhos sem doutrinação. É poder amar Portugal sem pedir desculpa. É poder dizer a verdade sem precisar de autorização da esquerda. -----

É essa liberdade que muitos portugueses sentem ainda por cumprir. -----

E é por isso que hoje não estamos aqui para participar numa liturgia. -----

Estamos aqui para exigir mais de Portugal. -----

Mais verdade. Mais coragem. Mais justiça. Mais autoridade do Estado. Mais respeito por quem trabalha. Mais futuro para os jovens. Mais proteção para as famílias. Mais memória para os que foram esquecidos. Mais ambição nacional. -----

Assinalamos Abril sem amnésia. -----

Honramos Novembro sem hesitações. -----

E dizemo-lo de frente: Portugal merece mais. -----

E merece, para citar Diogo Pacheco de Amorim, voltar a ser “uma pátria acordada da morte esquecida”. -----

Viva a Liberdade! -----

Viva o 25 de Novembro! -----

Viva Portugal! -----

- João António Leal Cruz Franco (PS): -----

Exma. Senhora Presidente da Assembleia Municipal, -----

Exmo. Senhor Presidente da Câmara e senhores vereadores, -----

Senhoras e senhores deputados municipais, -----

Minhas Senhoras e meus Senhores, -----

2 de Abril de 1976, Abril de 2026 - Comemoram-se 50 anos da aprovação da Constituição da República portuguesa. -----

A Constituição que ao tempo era a mais evoluída da Europa, fundamentalmente pelo consagrado no seu artigo 24.º, no qual se determinava o direito à vida e que nenhuma razão de Estado poderia afastar e também o direito à integridade física, consagrado no seu art.º 25.º. -----

É relevante ainda na Constituição de 1976 um conjunto de direitos sociais que nela estão consagrados. -----

Pela primeira vez em Portugal, consagrou-se na Lei das Leis, no texto constitucional, um conjunto de direitos, de que destaco o direito à habitação, o direito à educação, o direito à saúde, como direitos fundamentais dos cidadãos, mas também como funções do Estado, ou seja, o Estado tem o dever de prosseguir a sua atividade promovendo os direitos sociais consagrados legalmente, ver por todos o artigo 9.º da Constituição. -----

Mais, consagrou-se, como corolário progressista, o direito a que o diferente fosse tratado de maneira diferente (o direito à diferença), na medida dessa diferença, assim se promovendo a igualdade, (art.º 13º da CRP) o direito à habitação, cabendo ao Estado, nas suas diferentes formas de organização, a promoção de habitação (artº. 65º) para os portugueses e portuguesas, o direito a um ensino público obrigatório e gratuito e um direito de acesso a um Serviço Nacional de Saúde tendencialmente gratuito, como o António Guterres tanto gostava de sublinhar. -----

E, também se consagrou naquele texto progressista, um sistema de governo semipresidencial, acompanhado de um sistema de apuramento do número de deputados eleitos para a Assembleia da República, em função dos resultados eleitorais que dificultava a existência de maiorias absolutas. -----

Na verdade, vínhamos de uma maioria absoluta de 50 anos, digo, de uma ditadura. -----

A recomendação era clara: que os portugueses dialogassem entre si e que fixassem através do diálogo, consensos que nos permitissem avançar. -----

Ainda hoje é um objetivo difícil de alcançar nos mais dos 50 anos que leva a democracia, mas que urge continuar a cultivar. -----

Senhora Presidente, -----

Senhor Presidente e senhores vereadores, -----

Senhores deputados municipais, -----

Minhas Senhoras e meus Senhores, -----

A estabilidade, o bem-estar social, a existência de uma classe média próspera são a base de uma democracia forte de progresso. -----

Saúdo o Presidente António José Seguro, um Homem capaz de abraçar e promover o diálogo próprio de uma democracia consolidada, próspera e representativa da sociedade portuguesa. -----

12 de dezembro de 1976, 25 de abril de 2026 – Comemoram-se os 50 anos de Poder Local Democrático. -----

Se a Constituição da República Portuguesa consagrou um sistema de governo representativo, com forte pendor social, também consagrou, um sistema de governo autárquico que favoreceu uma amplíssima participação popular. -----

Em relação ao Concelho de Loures tenho, hoje e aqui, o orgulho de recordar que o primeiro Presidente da Câmara Municipal de Loures eleito democraticamente foi um socialista, António Riço Calado a quem presto homenagem. -----

E que o primeiro Presidente desta Assembleia Municipal, democraticamente eleito, foi António Menezes Rodrigues, aqui presente, e a quem presto homenagem. -----

Como evoco também a primeira mulher eleita Presidente deste órgão, a Maria José Carrilho, e não esqueço outra Presidente a Maria de Lurdes Rebelo, e a minha Amiga Irene Veloso. -----

Embora, na oposição durante 22 anos, muito do que é o Concelho de Loures hoje tem a marca dos socialistas e dos seus presidentes de junta, como o Fernando Neves Carvalho, José Leão, Jorge Neves, estes já desaparecidos, o Álvaro Cunha, que felizmente ainda está entre nós, e dos Presidentes de Câmara, Carlos Teixeira e Ricardo Leão. E na nova geração, entre outros, destaco o Nuno Leitão, o Nuno Dias, o Ricardo Lima e o Carlos Gonçalves. -----

Com estes autarcas, o caminho foi sempre um caminho de progresso, que transformou e transforma este concelho, como Portugal foi transformado pelos seus autarcas que de norte a sul, de este a oeste, tornaram o país, num país moderno, com saneamento público, redes de água potável, com a erradicação de barracas, com a construção de centros de saúde, de postos e quartéis para as forças de segurança, transformando Portugal num país moderno do século XXI. -----

Os 50 anos do poder local democrático, foram um sucesso que nos permite afirmar que o regime democrático triunfou sobre a pobreza que o progresso triunfou sobre o obscurantismo, que a liberdade construiu o que a ditadura não quis e não foi capaz de construir. -----

Se o 25 de Abril pertence a alguém, de certeza que não pertence à União Nacional, à Ação Nacional Popular ou aos seus sucedâneos. -----

Viva o 25 de Abril! -----

Viva a República! -----

Viva Portugal! -----

- Susana de Fátima Carvalho Amador (Presidente da Assembleia Municipal de Loures): --

Senhoras e Senhores Deputados Municipais, -----

Senhor Presidente da Câmara Municipal, Ricardo Leão, -----

Senhoras vereadoras e senhores vereadores, -----

Senhores Presidentes de Junta de Freguesia e Assembleia de Freguesia, -----

Senhores Presidentes de empresas municipais, -----

Querido Presidente da Assembleia Municipal Jovem de Loures, Gonçalo Cruz, -----

Saudar o Ruben Portinha e na sua pessoa, todos os músicos e cantores do país que ao longo de mais de 52 anos fizeram da cultura e da cidadania, uma força viva, -----

Ex Presidente da Câmara Municipal, Carlos Teixeira, -----

Primeiro Presidente da Assembleia Municipal, Menezes Rodrigues, -----

Representantes da ANAFRE, -----

Corporações de Bombeiros, com agradecimento especial à Banda dos Bombeiros Voluntários de Loures, -----

Forças de Segurança, -----

Instituições Desportivas, Sociais e Religiosas, -----

Professores, Associações de Pais e escolas -----

Trabalhadores da autarquia, -----

Celebramos hoje de novo o dia inicial, inteiro e limpo, uma data maior da nossa história contemporânea onde da noite se fez dia. -----

A Revolução do 25 de Abril, carregou toda a esperança maior num só dia e permanece 52 anos depois como símbolo maior da liberdade, da democracia e da dignidade do povo português. Uma data libertadora, fresca e sempre inspiradora. -----

Em 2026, assinalamos um marco particularmente significativo: passam 50 anos sobre a aprovação da Constituição da República Portuguesa e, igualmente, 50 anos sobre a

consagração do poder local democrático. Dois pilares indissociáveis do Portugal livre em que hoje vivemos e que tanto nos orgulhamos. -----

Tal como referido pelo Senhor Presidente da República na Sessão Evocativa de 2 de Abril, evocativa dos 50 anos da Constituição da República Portuguesa “Não é a Constituição que impede a resolução dos problemas concretos dos portugueses” e “a frustração que sentem não é da Constituição, é do seu incumprimento”. -----

A Constituição de 1976 não foi apenas um texto jurídico. Foi, e continua a ser, um compromisso coletivo com a liberdade, com a justiça social e com a dignidade humana. Nela estão inscritos os direitos fundamentais que moldam a nossa convivência democrática: a liberdade de expressão, o direito à educação, à saúde, à habitação, ao trabalho digno, à igualdade. -----

Mas a Constituição é muito mais do que um conjunto de direitos e garantias, alguns ainda semânticos. É também um projeto de sociedade — uma sociedade mais justa, mais solidária, mais participativa. -----

E é precisamente aqui que o poder local democrático assume um papel central. -----

Há 50 anos, com a institucionalização das autarquias locais livres e eleitas, deu-se corpo a um dos mais profundos desígnios de Abril: aproximar a decisão política dos cidadãos. As freguesias e os municípios tornaram-se escolas de democracia, espaços de participação, de proximidade e de resposta concreta às necessidades das populações. -----

O poder local não é um mero executor de políticas. É um verdadeiro pilar do regime democrático. É nele que a democracia vive diariamente, que se constrói confiança, que se reforça a coesão social e territorial. -----

Em Loures essa construção de busca do bem comum e da qualidade de vida mais que uma aspiração diária, concretiza-se com obra pública, investimento constante nas escolas, nos centros de saúde, nos bairros de génese ilegal, nas crianças, nos jovens, com os idosos e na comunidade como um todo! Um Abril já feito, um Abril que se faz e um Abril ainda por fazer! -----

Por isso, celebrar estes 50 anos é também reafirmar a necessidade de continuar a aprofundar a autonomia do poder local, a descentralização de competências, a nova lei das finanças locais e o reforço do papel das juntas de freguesia. Uma autonomia efetiva, plena, com os meios e as competências adequadas para servir melhor as populações. Uma autonomia que não é um fim em si mesma, mas um instrumento essencial para concretizar os valores de Abril. -----

Senhoras e Senhores Deputados municipais, -----

Honrar abril é, acima de tudo, assumir responsabilidades, “é ter sede de infinito”! -----

Responsabilidade de defender os direitos fundamentais dos trabalhadores consagrados na nossa Constituição, “com garras e asas de condor “sobretudo num tempo em que, por vezes, esses direitos são postos em causa, relativizados ou desvalorizados. -----

Responsabilidade de proteger e valorizar o poder local democrático, garantindo que continua a ser um espaço de autonomia, de proximidade, de transparência e de participação. -----

Responsabilidade de salvaguardar o regime democrático, combatendo a indiferença, o populismo, a discriminação e todas as formas de extremismo que procuram fragilizar as instituições e dividir a sociedade. -----

E esta responsabilidade torna-se ainda mais exigente quando olhamos para o mundo que nos rodeia. -----

Vivemos tempos marcados por conflitos armados devastadores, como a guerra na Ucrânia e a instabilidade persistente no Médio Oriente, agora agravada com o conflito gerado pelos EUA e por Israel. Todos estes conflitos provocam sofrimento humano indescritível, perda de vidas humanas, de vidas de crianças, diariamente, destruição de escolas, destruição de comunidades e deslocações forçadas de mais de 120 milhões de pessoas. -----

Mas que têm também impactos profundos e globais: crises energéticas, inflação, insegurança alimentar, instabilidade económica e social. Estes efeitos fazem-se sentir nas comunidades, nas famílias, nas empresas, no quotidiano de todos. -----

Perante este cenário, os valores de Abril tornam-se ainda mais relevantes. -----

A paz, a liberdade, a solidariedade entre os povos, o respeito pelos direitos humanos — não são apenas princípios abstratos. São exigências concretas do nosso tempo, inscritas na Declaração Universal dos Direitos Humanos, na Carta das Nações Unidas e na Carta da Convenção Europeia dos Direitos Humanos. -----

É também ao nível europeu, nacional e local que muitas destas respostas se constroem: no acolhimento, na integração, na solidariedade, na capacidade de não virar o rosto ao sofrimento dos outros, como nos desafia o filósofo Emmanuel Levinas. -----

Senhoras e Senhores deputados, -----

Os 50 anos da Constituição e do poder local democrático não são apenas uma celebração do passado. São um apelo ao futuro. Daí que tenha sido o nosso Presidente da AMJ de Loures, o Gonçalo Cruz, a abrir esta sessão. Um sinal inequívoco de que não somos proclamatórios ao invés, somos coerentes com essa necessidade de tornar Abril e o seu ideário vivo e vivido por esta geração. -----

Tal como espelhou o Gonçalo na sua intervenção, há hoje uma geração que valoriza muito a Democracia e a Liberdade mas que sente que falta cumprir Abril na habitação, nos

salários justos, na solidariedade para com os mais frágeis. Como refere o Gonçalo “a dignidade humana não pode ter intervalos”. Não poderia concordar mais. -----

Foi também aos jovens que nos dirigimos quando lhes solicitámos que nos dessem através da lente fotográfica o seu olhar sobre Abril e a Solidariedade. Um concurso escolar pioneiro que visa envolver a sua perspetiva e tornar os nossos alunos parte intrínseca de abril. A qualidade das fotografias enviadas, a descrição da visão de abril que acompanharam as mesmas e a reflexão que os estudantes fizeram, só evidencia que Abril é ação, é cidadania em estado líquido e deve ser cada vez mais participação jovem. -----

E porque Abril não pode ser só uma página de uma história que não viveram assumimos nesta Assembleia Municipal o imperativo de os interpelar a fazer parte dessa história e desse legado. -----

Um futuro que exige compromisso, coragem e visão. Um futuro que depende da nossa capacidade de manter vivo o espírito de Abril — um espírito de liberdade, de participação, de justiça social e de esperança. -----

Que saibamos estar à altura desse legado. -----

Que saibamos honrar aqueles que lutaram e morreram pela liberdade. -----

Tal como alertou esta semana Manuel Alegre “Hoje, a liberdade já não se derruba com tanques nem metralhadoras, mina-se por dentro, desconstrói-se por dentro. Por isso, é preciso restaurar a palavra poética para descontaminar a linguagem e evitar situações que ponham de novo em causa a liberdade de expressão e de criação, a liberdade da própria imaginação”. -----

Caros convidados, -----

Caros eleitos, -----

De acordo com sondagem realizada, sem pôr em causa o valor da democracia, muitos portugueses expressam uma confiança apenas moderada nas instituições e revelam preocupação com a evolução futura do regime. -----

O que estes resultados nos dizem é que não estamos perante uma rejeição do modelo democrático, longe disso, mas antes perante uma exigência acrescida – quanto mais consolidada é a memória de Abril, mais exigente se torna a avaliação do que dele resultou.

De acordo com Maria Inácia Rezola, comissária executiva da Comissão Comemorativa dos 50 anos do 25 de Abril, este ‘pessimismo moderado’ não anula o consenso sobre Abril, mas introduz uma dimensão crítica na leitura da democracia atual”. -----

Que saibamos transmitir às gerações futuras não apenas a memória de abril, mas a responsabilidade diária, a exigência diária de o continuar e aprofundar porque o sonho coletivo é de todos nós e tem de continuar. -----

Termino com Sebastião da Gama: -----

*Pelo sonho é que vamos, -----
comovidos e mudos. -----
Chegamos? Não chegamos? -----
Haja ou não haja frutos, -----
pelo sonho é que vamos. -----
Basta a fé no que temos. -----
Basta a esperança naquilo -----
que talvez não teremos. -----
Basta que a alma demos, -----
com a mesma alegria, -----
ao que desconhecemos -----
e ao que é do dia-a-dia. -----
Chegamos? Não chegamos? -----
– Partimos. Vamos. Somos. -----
Somos de Abril! Somos Democracia viva! Somos o poder local democrático! -----
Viva o 25 de Abril! Viva Loures! -----*

--- Terminadas as intervenções políticas, procedeu-se a um novo momento musical protagonizado por Ruben Portinha e músicos.-----

--- Concluída a sessão solene da Assembleia Municipal de Loures, pelas dezoito horas e quarenta minutos, foi dada por encerrada a sessão, seguindo-se um Bucelas de Honra e bolo alusivo à data. -----

--- Nesta sessão estiveram presentes, por parte do Executivo Municipal, o Presidente da Câmara Municipal, Ricardo Jorge Colaço Leão, a Vice-Presidente Sónia Alexandra da Silva Paixão dos Santos Bernardo Lopes e os Vereadores Bruno Miguel de Oliveira Nunes, Nelson César Gonçalves Batista, Nuno Ricardo da Conceição Dias, Paula Alexandra Flora da Costa Magalhães, Patrícia Isabel Morgado de Almeida, André Filipe Reis Antunes, António Manuel Lopes Marcelino e João Paulo Melo Simões.-----

--- A ATA FOI APROVADA POR VOTAÇÃO NOMINAL E POR UNANIMIDADE, COM 42 PRESENCAS, SENDO QUE 14 REPRESENTANTES NÃO ESTIVERAM PRESENTES NA REUNIÃO A QUE RESPEITA A PRESENTE ATA E NÃO PARTICIPARAM NA VOTAÇÃO. A ATA FOI APROVADA NA REUNIÃO DE ONZE DE JUNHO DE DOIS MIL E VINTE E SEIS, COM DISPENSA DE LEITURA, DADO TER SIDO PREVIAMENTE DISTRIBUÍDA POR TODOS OS DEPUTADOS MUNICIPAIS DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL. -----

A ATA É ASSINADA PELO 1.º SECRETÁRIO DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL,
AQUILINO JOSÉ MARQUES VENTURA, -----

E PELA PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL, SUSANA DE FÁTIMA CARVALHO
AMADOR,
